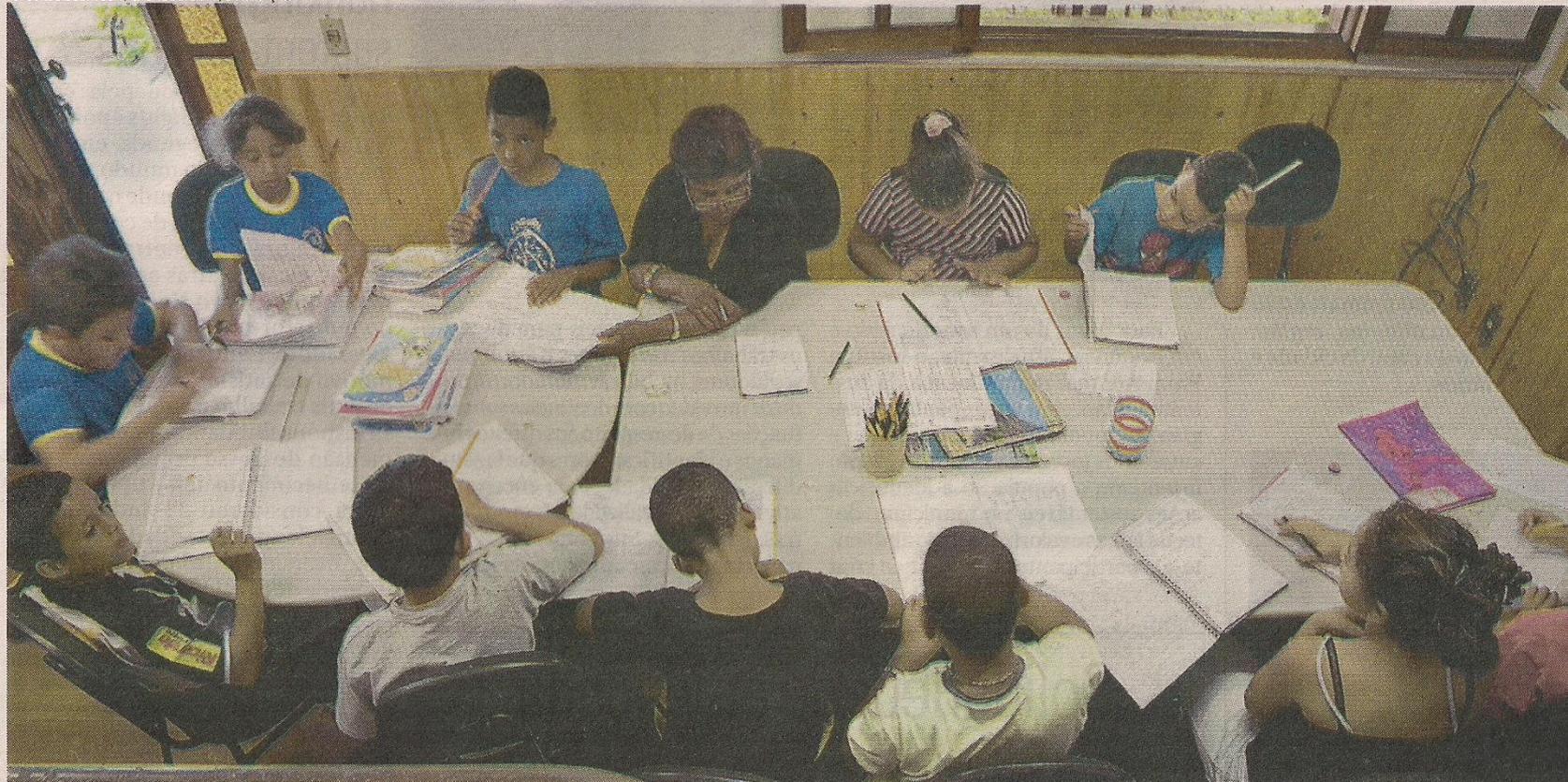


Encontro marcado na Casa do Jardim

FOTOS LOUISE BRYSON / CASA DO JARDIM / DIVULGAÇÃO



Local destina um espaço para que as crianças tenham encontros e contribui para que elas descubram o mundo por meio dos livros

IÊVA TATIANA

iribeiro@hojeemdia.com.br

A união de duas pessoas com um ideal em comum pode ser suficiente para que uma história de dedicação ao próximo tenha início. O Instituto de Desenvolvimento Local Integrado Casa do Jardim, em Nova Lima, Região Metropolitana, é prova disso.

Tudo começou com o encontro de uma socióloga de descendência norte-americana com um capoeirista brasileiro durante o Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, em 2005. Joanne Dorchfort e Antônio Pereira Alves Filho, mais conhecido como Arúbio, compartilhavam a vontade de trabalhar para diminuir a desigualdade social no Brasil, dedicando-se às ações voltadas para o terceiro setor. A união dos dois resultou não só

em casamento, mas também na fundação da Casa do Jardim, em abril de 2007. "Somos físico e mentalmente trabalhando juntos", define o capoeirista.

Avontade de Joanne se fortaleceu depois que ela passou um tempo fora do país, época em que aproveitou o distanciamento para se aprofundar nos estudos. Já Antônio Filho decidiu seguir esse caminho quando participou de um projeto de capoeira para crianças; desde então, ele sonhava em dar aulas. "O sonho dos capoeiristas era viajar, mas o meu era juntar recursos", lembra.

Disposto a ajudar, o casal atendia às crianças no primeiro andar da casa onde moravam, no bairro Jardim Canadá, espaço cedido por apoiadores locais. Depois que se mudaram de lá, a parte de cima do imóvel foi transformada em uma biblioteca infantil.

Hoje, o instituto recebe jovens de seis a 12 anos que moram na região e cursam o ensino fundamental. No local, as crianças participam de um programa de educação complementar, o "Ampliando Horizontes", que oferece ajuda com o dever de casa, leitura, escrita e matemática, além de atividades psicopedagógicas, capoeira angola, música, artes, esportes, brincadeiras e projetos que valorizam a identidade local. No ano passado, o programa rendeu à Organização Não Governamental (ONG) o Prêmio Itaú-Unicef, na categoria Pequeno Porte, pela Regional Belo Horizonte.

Atualmente, há 72 alunos matriculados nas aulas, que acontecem três vezes por semana, durante três horas, no contra turno escolar. "Nossa lista de espera chega a ter cem nomes, mas nós preferi-

mos trabalhar com turmas menores. Temos seis turmas com 12 alunos, cada", justifica Joanne. Mais do que atender apenas aos filhos, a direção da Casa do Jardim quer,

mas a pessoal também.

Duas das três filhas de Enólia Jesus Santos Pereira frequentam o Instituto de Desenvolvimento Local Integrado e, neste ano, a caçula, de seis anos, vai se juntar às irmãs. A mãe conta que as meninas eram muito tímidas, mesmo em casa, mas melhoraram bastante depois que começaram a frequentar a Casa do Jardim. "Agora, falam até demais". Segundo Enólia, as mudanças também foram notadas na escola. "A organização dos cadernos melhorou e a letra também. Para mim, a Casa do Jardim é tudo de bom; a gente participa mais e sabe da importância de acompanhar os filhos". Ainda demonstrando um pouco de acanhamento, Crysellen Vieira dos Santos, de 10 anos, a primogênita de Enólia, revela que gosta de todas as atividades da Casa do Jardim.

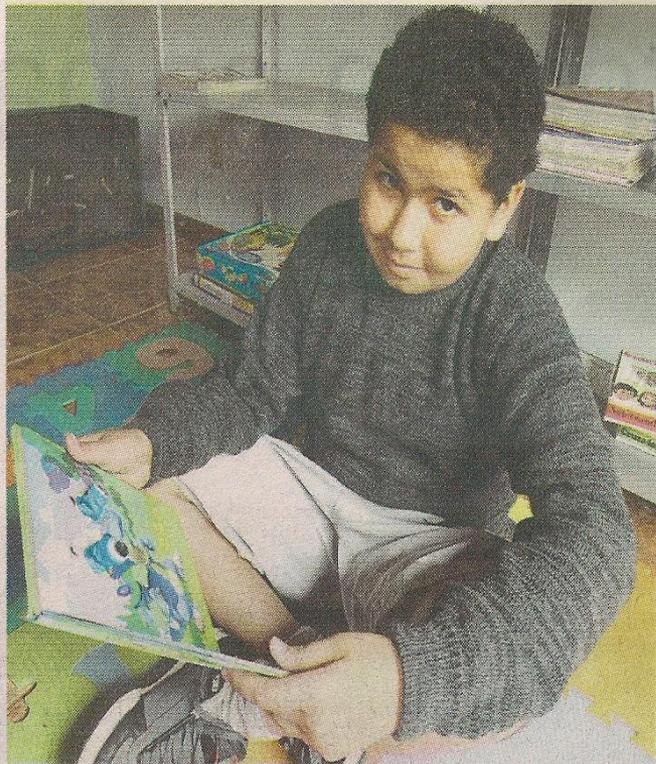
Há 72 alunos matriculados nas aulas, que acontecem três vezes por semana, durante três horas

ainda, que os pais participem da educação das crianças, para que eles acompanhem de perto não só a evolução educacional de cada um,

FOTOS RENATO COBUCCI



Crysellén gosta de todas as atividades da Casa do Jardim



Pablo: reforço o levou a melhorar o português

Satisfação de pais e filhos

Pablo Mascarenhas Rocha, de 11 anos, está há três no Instituto de Desenvolvimento Local Integrado e já se prepara para deixar a ONG, depois que completar 12 anos de idade. O garoto afirma que vai sentir falta dos professores e colegas. “Gosto daqui, principalmente, de jogar futebol. Antes, eu era ruim em português. Agora melhorei bastante; também era tímido e fiquei mais solto, mais confiante”, confessa.

A mãe de Pablo, Elisângela Mascarenhas Silva, confirma as mudanças no comportamento do filho e ainda acrescenta a ale-

Busca por apoio público e privado

LOUISE BRYSON / CASA DO JARDIM / DIVULGAÇÃO

Em meio a tantos exemplos bem-sucedidos, Arúbio, apelido e nome de guerra de Antônio na capoeira, lembra que a ONG ainda enfrenta muitas dificuldades para se manter, principalmente, no aspecto financeiro. “A gente depende de recursos, então, algumas atividades nem sabemos se vão continuar sendo oferecidas”, lamenta. Segundo Joanne, há quase cinco anos eles buscam parcerias com órgãos públicos para manter os trabalhos desenvolvidos no instituto; por enquanto, eles se mantêm com o apoio de empresas privadas do Jardim Canadá, parceiros locais e com os recursos provenientes do Prêmio Itaú-Unicef.

Apesar dos problemas econômicos, o casal conseguiu criar uma estrutura para que todos os oito funcionários da Casa do Jardim – educadores, coordenadores e estagiários – recebessem pelo trabalho que desenvolvem no local. “Não quisemos voluntários, porque achamos importante ter pessoas comprometidas, consistentes com nossa proposta”, pontua Joanne Durchfort.

O esforço tem tido bons resultados, e o casal mostra que está conseguindo driblar os problemas econômicos. A educadora Maria Antô-



Joanne e Arúbio, de camiseta azul, buscam a redução da desigualdade

nia das Graças, responsável pelo acompanhamento escolar das crianças na ONG, é só elogios à Casa do Jardim. Acostumada a lecionar em salas de aulas do Ensino Fundamental, repletas de alunos, na rede pública de ensino, ela confessa que reaprendeu a trabalhar com jovens. “Na escola, são muitas crianças e funcionários. A Joanne me mostrou o que queria

que eu fizesse; aqui, a gente deixa a criança criar. Aprendi muito a valorizar o que cada uma delas traz em si”. E é a própria socióloga quem completa. “Trabalhamos o tempo de cada um. Não aceitamos ouvir ninguém falar que não dá conta”.

A proposta diferenciada da Casa do Jardim também atraiu a canadense Kimberly Jacob, coordenadora de

parcerias, impacto e comunicação da organização. Há seis anos no Brasil, ela buscava um local para dar sequência aos trabalhos de terceiro setor dos quais já fazia parte, no Canadá. “Trouxe minha experiência de fora e estou aprendendo muito também. Esse é um projeto que prioriza a ética, a comunicação aberta com os parceiros”, ressalta.

mo e ainda acrescenta a alegria e a comunicatividade à confiança listada por ele como um ganho proporcionado pela Casa do Jardim. “O dia que eu o vi com um microfone na mão, até assustei”, diverte-se Elisângela, ao contar sobre uma apresentação do garoto. Para ela, as lições aprendidas até hoje servirão como base para o futuro. “Ele passou a se aceitar mais, vai entrar na pré-adolescência mais preparado. Até eu vou sentir saudade daqui”.

Outra mãe satisfeita com o progresso das crianças é Gislene Maria do Nascimento. A filha mais velha, Giovanna, de sete anos, chegou ao instituto há dois anos, depois de acompanhar o primo algumas vezes e se encantar pelo lugar. Segundo Gislene, a menina não frequentava nenhuma festa na escola e nem o diploma buscou, na formatura do pré-primário. “A Casa do Jardim é um lugar onde eu sinto segurança. Antes da Giovanna vir para cá, eu estava olhando um psicólogo para ela, mas, agora, não preciso mais. Do jeito que ensinam, ela aprendeu e se desenvolveu mais”.

É assim, embalados pelo reconhecimento, ao som do berimbau e do agogô, que Joanne Durchfort e Arúbio seguem unidos pelo matrimônio e pelos ideais de desenvolvimento socioeconômico do Jardim Canadá e – por que não? – do Brasil.